

A ESCOLARIZAÇÃO E O TRABALHO NO HORIZONTE DE JOVENS DE UM CURSO PÓS-MÉDIO

EDUCATION AND WORK IN THE FUTURE OF YOUTHS FROM A POST-HIGH SCHOOL COURSE

Geraldo Leão*

Helen Cristina do Carmo**

Resumo

Este artigo é resultado de um estudo de caso realizado entre 2007 e 2008, que objetivou analisar as relações entre juventude, trabalho e escola, tendo como foco as expectativas em relação ao trabalho e à escolarização de jovens de um curso pós-médio de uma escola pública em Belo Horizonte, MG. Os dados foram coletados por meio de observações, entrevistas semiestruturadas com estudantes e educadores e questionários aplicados junto aos participantes do curso. A partir das reflexões que emergiram nos depoimentos dos jovens, é possível perceber vários sentidos atribuídos ao trabalho (realização pessoal, independência ou necessidade), bem como diferentes motivações para frequentar o curso (formar-se profissionalmente, preparar-se para o vestibular, acumular credenciais no mercado de trabalho) articuladas às suas expectativas em relação ao futuro profissional.

Palavras-chave: *Juventude, Trabalho, Escolarização.*

Abstract

This article is the result of a case study carried out between 2007 and 2008, which analyzed the relationships among youths, work and school, focusing on the youth expectations of work and education in a post-high-school course from a public school in Belo Horizonte – MG. The data were collected through observations, semi-structured interviews with students and educators and questionnaires which were filled out by the course's participants. Based on the reflections which came out through the youth answers, it is

possible to perceive the values they attribute to work as well as their different motivations to attend the course, connected with their expectations in relation to their professional future.

Key words: *Youth, Work, Education.*

I Introdução

Neste artigo, procuramos desenvolver uma reflexão sobre as relações entre trabalho e escolarização e as suas possíveis implicações na vida de jovens egressos do ensino médio de uma escola pública. O foco da investigação foi delimitado pelas expectativas e motivações que os estudantes de um curso pós-médio de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte alimentavam em relação ao trabalho e à continuidade dos estudos.

Optamos por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo que, na sua primeira fase, compreendeu a observação de campo durante quatro meses, buscando reunir dados sobre a experiência e o contexto em que os jovens estavam inseridos. Na segunda etapa da pesquisa, foram coletados dados junto a dez estudantes por meio da aplicação de questionários e entrevistas, instrumentos que compreenderam questões abertas e fechadas a respeito do perfil socioeconômico, suas impressões sobre o curso, suas trajetórias escolares e de trabalho e seus projetos em relação ao futuro escolar e profissional. Foram, ainda, realizadas duas entrevistas com os coordenadores do curso.

Os jovens pesquisados já haviam concluído o ensino médio e estavam elaborando estratégias de permanência e/ou inserção no mercado de trabalho por meio da busca por uma formação profissional. Havia uma expectativa entre eles e seus pais de que o aumento da escolarização ampliasse as chances de conseguir empregos formais. Essa demanda se apresentava de uma maneira mais forte, tendo em vista o contexto brasileiro em que o desemprego juvenil é bem maior que o do conjunto da população (Pochmann, 1998; Carrano, 2006). Assim, a pesquisa partiu de algumas questões: quais as expectativas dos jovens egressos do ensino médio em relação ao mercado de trabalho? Havia alguma relação entre as trajetórias escolares e as aspirações dos jovens com relação ao trabalho idealizado? Quais foram as estratégias utilizadas por eles na procura pela inserção no mercado de trabalho? Qual a relação entre o trabalho e a volta à escola

em um curso pós-médio? Que importância os jovens atribuíam à educação no processo de busca e/ou permanência no trabalho?

Foram esses alguns dos questionamentos que a investigação procurou responder com o intuito de contribuir para uma compreensão maior das expectativas de jovens estudantes de uma escola pública em relação ao mercado de trabalho e do lugar atribuído à escolarização nesse contexto. O artigo está dividido em quatro partes: a primeira seção aborda algumas considerações sobre a relação juventude, trabalho e escolarização. Em seguida, o campo de pesquisa é descrito com uma breve exposição sobre a escola e o curso pós-médio. No item seguinte, são analisados alguns aspectos referentes à escola e ao trabalho, reunidos a partir dos depoimentos coletados. Para finalizar, são tecidas algumas considerações finais sobre o tema.

2 Juventude, Trabalho e Escolarização

Seguindo os passos de alguns autores (Pais, 2001; Sposito, 2002), para além de uma delimitação etária, estamos considerando a juventude como uma

categoria em permanente construção social e histórica, incorporando a complexidade da vida – em suas dimensões biológicas, sociais, psíquicas, culturais, políticas, econômicas *etc.* – que organiza as múltiplas maneiras de viver a condição juvenil (Ibase, 2005, p. 7).

A relação dos jovens brasileiros com a escola e o trabalho é o foco de algumas pesquisas recentes (Sposito, 2002; Corrochano, 2004). Tais pesquisas constataam que a juventude brasileira é marcada por uma grande diversidade no âmbito das experiências de trabalho, da escolarização e do lazer. Várias dimensões interferem nas experiências da juventude e nas suas trajetórias de vida, tais como a dimensão da sociabilidade, a identidade grupal, o processo de inserção no mundo do trabalho, a escolarização, as relações afetivas e sexuais, o consumo juvenil e as relações familiares. Neste trabalho, faremos um recorte considerando dois aspectos – o trabalho e a escolarização – sem desmerecer a importância das outras dimensões e sem deixar de fazer relações com elas quando se fizer necessário.

Podemos listar uma série de características que são relevantes para a compreensão do valor atribuído ao trabalho pelos jovens. Corrochano (2004), ao apresentar os resultados de uma

pesquisa realizada com alguns jovens operários e operárias brasileiros, identificou diferentes sentidos atribuídos ao trabalho pelos pesquisados. Em primeiro lugar, o trabalho era visto positivamente como uma possibilidade de proporcionar a *independência pessoal*, pois trabalhar significava poder sair da esfera doméstica, relacionar-se socialmente e ter uma renda própria independente do provedor da sua família (pai, mãe, marido). Outro sentido observado na fala dos jovens referia-se ao trabalho entendido como *dignidade*, associado à possibilidade de prover sua família com os meios necessários para sobreviver de maneira honesta. Por fim, o trabalho como meio de *realização pessoal*, enfatizado por jovens mais escolarizados, atribuído à idealização de um futuro profissional que proporcionasse prazer e não apenas como um meio de sobrevivência.

Os sentidos atribuídos ao trabalho pelos jovens devem ser analisados a partir do contexto econômico e social que diz respeito ao mercado de trabalho e às oportunidades de inserção dos jovens no Brasil, onde se constata que as taxas de desocupação são mais altas entre os jovens (Pochmann, 1998). Apesar do crescimento econômico observado a partir dos anos 2000 e seus impactos na estrutura de empregos, podemos dizer que os dilemas quanto à dificuldade para inserir-se e permanecer em condições adequadas no mercado de trabalho ainda permanecem grandes para os jovens brasileiros. Segundo dados da Fundação João Pinheiro (FJP) para o ano de 2008, a taxa de desemprego para o total da população dos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte foi de 9,8%. No entanto, no caso da faixa etária compreendida entre 18 a 24 anos, os índices variaram de 20,3% (janeiro) a 15,0% (dezembro). Assim, podemos concluir que, embora os dados tenham sido positivos para a população em geral, quando o recorte se dá pela faixa etária, os jovens permanecem entre aqueles que apresentam maiores índices de desemprego.

Dentre aqueles jovens que, de alguma forma, conseguem se inserir no mercado de trabalho, podemos notar, segundo as palavras de Pais (2001), que muitos rodopiam por trabalhos precários e provisórios, constituindo percursos profissionais pautados pela transitoriedade e pela aleatoriedade. Com a crescente flexibilidade dos contratos de trabalho e a tendência à diminuição do emprego formal nas sociedades contemporâneas de uma maneira geral, a instabilidade entre os trabalhadores tende a aumentar. Para muitos jovens, tal flexibilidade gera uma situação de improvisação na relação com o trabalho. Na luta pela sobrevivência e diante de um mercado de trabalho saturado, muitos são obrigados a improvisar diferentes maneiras de ganhar dinheiro, ora procurando resolver de maneira criativa os desafios e as dificuldades que surgem, ora inseridos em atividades marginais e ilegais. O atual cenário do mercado de trabalho apresenta, assim, cada vez menos possibilidades de inserção dos jovens no modo tradicional de entrada na vida ativa. Paralela

a essa mudança na forma de inserção, eles criam novas formas de permanência no mercado do trabalho, baseadas na rotatividade, ou seja, maior “propensão de transitar do emprego para o desemprego ou para a inatividade” (Madeira, 2004, p. 82).

Além da alta rotatividade, observamos também o maior potencial de *reversibilidade* de algumas escolhas e percursos da vida, características de algumas trajetórias juvenis. Chamada por Pais (2001) de *geração ioiô*, a atual experiência dos jovens em relação ao mercado de trabalho é muitas vezes marcada por idas e vindas. Seja como for, o que podemos observar é que “às portas de um mercado de trabalho saturado, encontramos jovens sem saberem como a ele ter acesso” (Pais, 2001, p. 17), mesmo que tenham experimentado o avanço na escolaridade da população na última década.

Essas questões trazem grandes impactos em termos da experiência da condição juvenil contemporânea, particularmente no que tange aos processos de transição para a vida adulta. Durante muito tempo, a transição dos jovens para a vida adulta foi compreendida a partir de uma perspectiva linear, com momentos muito bem definidos: a saída da escola para a vida profissional, a saída da casa dos pais, a formação de um novo lar e a paternidade/maternidade. Tal processo parece não mais corresponder à experiência juvenil contemporânea, o que Pais (2001) chamou de *trajetórias não-lineares*. Nesse contexto desigual, cabe perguntar: como os jovens alimentam aspirações e criam estratégias de realização de seus projetos de vida? Qual lugar ocupam a educação e o trabalho em suas trajetórias de vida?

Um importante marco na transição da juventude para a vida adulta ocorre na “passagem” da escola para o trabalho. Porém, como vimos, nem sempre essa transição se dá de maneira linear e imediata, tendo em vista as dificuldades que os jovens brasileiros encontram para se inserirem no mercado de trabalho. Nem todos os jovens têm acesso à escolarização, principalmente nos ensinos médio e superior; dentre aqueles que estudam, nem sempre é possível frequentar a escola sem trabalhar. Podemos dizer que, em boa parte dos casos, não há uma passagem, mas uma articulação entre a vida escolar e o trabalho ao custo dos sacrifícios que tal combinação impõe.

Hasenbalg (2003), ao tratar da transição da escola ao trabalho no contexto brasileiro, registra dois sistemas de formação profissional recorrentes em vários países de uma maneira geral: o *sistema*

dual, orientado à formação de qualificações profissionais específicas, que procura articular escolas e empresas, e o *sistema de formação geral*, orientado para uma formação acadêmica geral sem mecanismos de articulação com as empresas.

De acordo com Hasenbalg (2003), no segundo tipo, os vínculos entre a escola e o mercado de trabalho tendem a ser mais fracos, já que o jovem formado nesse modelo só obterá as habilidades requeridas pelos empregos por intermédio do treinamento no próprio trabalho. Considerando os dois sistemas, esse autor destaca que a situação do Brasil nas décadas mais recentes aproxima-se do modelo de formação geral. Nesse modelo, o mercado de trabalho tende a funcionar como um espaço competitivo, marcado pela disputa por empregos e a existência de uma “fila de trabalho” em que as credenciais educacionais ordenam as pessoas.

Assim, no caso brasileiro, a inserção no mercado de trabalho para os jovens passa a seguir uma lógica de acúmulo de credenciais, na qual a posse de títulos e experiências diversas aumenta as chances de disputa por uma vaga. A partir desse contexto e das dificuldades para obtenção de um primeiro emprego, é possível compreender a expectativa de alguns jovens em relação à educação básica como um instrumento de acesso ao mercado de trabalho, associada à grande procura por cursos de qualificação profissional.

No Brasil, a expansão da educação básica a partir dos anos 1990 leva a um significativo crescimento do acesso à escola por parte da população juvenil. Sposito e Galvão (2004) destacam que a massificação da educação no Brasil, no contexto da redemocratização do país, se deu concomitantemente à acelerada urbanização e à exigência de maior escolaridade para o mercado de trabalho, bem como à afirmação em textos legais da educação escolar como um direito de crianças e jovens. Essa movimentação culminou na ampliação das vagas nas escolas de educação básica, fundamentalmente nas escolas de nível fundamental. É a partir da universalização dessa fase do ensino que se percebe uma pressão maior sobre o sistema educacional, para que também o ensino médio se torne um direito de todos.

Ainda segundo Sposito e Galvão (2004), há uma expansão vertiginosa no número de matrículas na educação básica nos últimos 20 anos, apontando para um aumento significativo das oportunidades escolares a partir dos anos 1990. Nesse contexto de expansão da educação e alargamento do

acesso ao ensino médio para jovens de setores populares, o público que chega aos anos finais da educação básica já não é mais homogêneo se comparado aos jovens originários das elites econômicas e culturais que frequentavam as escolas públicas na década de 1970. Ao contrário, esses jovens estudantes apresentam uma diversidade de habilidades, conhecimentos, repertórios culturais e projetos de vida, o que faz com que a escola ganhe novos sentidos na atualidade. O ensino médio, que há décadas atrás era considerado como uma antessala dos estudos universitários, e, como tal, estava “reservada” aos filhos das classes dominantes, o hoje se torna o ensino “final” para a maioria da população. A mudança de sentido e a obrigatoriedade determinam uma série de transformações nos dispositivos e processos escolares (Fanfani, 2000).

Assim, mesmo passando por uma série de dificuldades, a escola ainda é apontada como uma importante instituição socializadora que assume lugar privilegiado na vida de grande parte dos jovens e que “tem um papel estratégico na distribuição das oportunidades para os mesmos, ao longo de seu percurso de vida” (Corti e Souza, 2005, p. 99). Torna-se significativo o questionamento sobre a importância dessa instituição na vida dos jovens, particularmente no que tange à sua relação com o mundo do trabalho, já que ele se constitui em uma dimensão central da experiência juvenil no contexto brasileiro.

Compreender as relações entre juventude e escola exige grande esforço. Trata-se, sobretudo, de aproximar-se do cotidiano dos jovens e procurar entender suas motivações, disposições, estratégias de ação e sentidos elaborados em relação à escola em um contexto de crise da mobilidade social. Dessa forma, poderemos questionar: quais expectativas os jovens alimentam quanto ao papel da educação em relação aos seus planos futuros? Quais estratégias de escolarização e profissionalização acionam nesse contexto? Quais sentidos e significados elaboram em relação às suas experiências escolares? Como se dá a experiência de trabalhar e estudar?

3 O Curso Pós-Médio e os Jovens: descrição do contexto da pesquisa

Optamos por realizar a pesquisa em uma escola pública da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, que oferecia cursos profissionalizantes pós-médios. A escolha por esse espaço se deu pela facilidade de encontrar um grupo de egressos do ensino médio em um contexto de busca por aprimoramento profissional na perspectiva de aumentarem suas chances de inserção profissional.

Os cursos foram criados na escola em 2001, por meio de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, membros da comunidade e uma organização de professores, com o objetivo de atender aos alunos da escola que concluíam o ensino médio e também à comunidade da região. Nesse caso, a prefeitura cedia o espaço físico da escola para o desenvolvimento dos cursos e era responsável pelo pagamento dos professores e funcionários. Aos professores, cabia a responsabilidade pela implementação e gestão dos cursos.

Eram oferecidas formação nas seguintes áreas: Processamento de Dados, Secretariado Bilíngue – Inglês e Espanhol –, *Design* de Interiores, Eletromecânica e Gestão da Informação. Esse último, embora tivesse essa denominação, correspondia a uma espécie de preparação para o vestibular. Em média, as turmas tinham 20 alunos, com exceção dos cursos de *Design* de Interiores e Eletromecânica, que possuíam laboratórios com menor capacidade. Cada curso possuía uma turma, perfazendo um total de 80 alunos/ano aproximadamente. Para efetuar a matrícula, o aluno pagava uma quantia de 50 reais e, ao longo do ano, uma mensalidade que correspondia a 30 reais. Esses valores, segundo um dos coordenadores do curso, eram direcionados à manutenção dos equipamentos. Os cursos de Processamento de Dados e Secretariado Bilíngue compreendiam o estudo de 11 disciplinas, o curso de *Design* dez disciplinas e os cursos Gestão da Informação e Eletromecânica, 14 disciplinas cada.

Os alunos matriculados nesses cursos estudavam no horário de 18h45min às 22h45min, todos os dias, cumprindo uma carga horária de 800 horas/ano, com exceção do curso de Eletromecânica, que tinha a duração de 1.200 horas/ano. Além de frequentarem o curso no horário noturno, os estudantes de Eletromecânica compareciam à escola também durante algumas tardes e aos sábados, dependendo de sua disponibilidade.

De maneira geral, o espaço físico destinado aos cursos apresentava condições satisfatórias, embora algumas vezes deixasse a desejar. Por outro lado, nem sempre as condições materiais necessárias para o desenvolvimento de algumas atividades práticas eram adequadas. Em um dos dias de observação, por exemplo, a professora queria dar sua aula no laboratório de informática e, embora apenas quatro alunos estivessem presentes, o número de computadores funcionando não foi suficiente. Inconformada, ela se aproximou e disse: *“Anota aí no seu caderninho que, muitas vezes, o planejamento da aula não pode ser cumprido porque os recursos não ajudam”*. Esse é só um dos exemplos das várias vezes em que os materiais disponíveis nas aulas não atendiam de maneira adequada às necessidades dos professores e alunos.

Com base nas fichas de matrículas dos alunos, foi possível traçar um perfil geral dos jovens que frequentavam o curso. Ao todo, 70 alunos estavam matriculados no início do ano de 2007; dentre eles, 61% (43) eram mulheres e 39% (27) eram homens. Com relação ao estado civil, 89% (62) dos

alunos eram solteiros e 11% (8) eram casados. Com relação à faixa etária, 83% (57) tinham idade entre 18 e 24 anos e apenas 17% (13) tinham idade acima de 25 anos. Os alunos que frequentavam o curso, em geral, moravam em bairros próximos, localizados no município de Belo Horizonte 80% (56) e apenas 20% (14) eram de duas cidades vizinhas, Ribeirão das Neves e Santa Luzia. Esses alunos estavam distribuídos da seguinte forma entre os cursos oferecidos: 10% (7) no curso de *Design* de Interiores, 11% (8) no curso de Eletromecânica, 20% (14) no curso de Secretariado Bilingue, 23% (16) no curso de Processamento de Dados e 36% (25) no curso de Gestão da Informação. Podemos inferir, assim, que pouco mais de um terço dos jovens tinha a expectativa de se preparar para o vestibular por meio da experiência.

Mesmo com o grande número de matriculados, no decorrer do curso, percebeu-se uma alta evasão dos alunos. Segundo relato de jovens e professores, a cada semana que passava, o número de alunos que compareciam às aulas flutuava. Dos 70 alunos inicialmente matriculados, encontravam-se frequentes aproximadamente 20 jovens, ou seja, pouco mais de um quarto.

Embora a pesquisa não tenha se centrado sobre esse aspecto, temos como hipótese que tal evasão parece associada à distância entre as expectativas dos estudantes e as dificuldades quanto ao funcionamento do curso. Quando perguntados sobre a avaliação que eles faziam da experiência e as suas expectativas iniciais, constatamos que a maioria dos jovens alimentava, inicialmente, boas perspectivas com relação ao curso. Mas, de certa maneira, algumas delas não foram alcançadas, seja pela ausência de alguns professores, pela falta de estrutura, pela falta de cobrança dos professores ou pela não-inserção no estágio previsto. Os jovens também associaram a evasão à falta de interesse dos alunos, o que pode estar vinculado a esses aspectos, como também ao próprio desenvolvimento das aulas e a fatores externos, como a dificuldade em conciliar trabalho e estudo. Tais elementos, com certeza, colaboraram para o fenômeno, embora não se possa ser categórico quanto ao peso de cada um deles.

4 Escola e Trabalho: o que os jovens dizem?

A partir de alguns aspectos reunidos nos depoimentos coletados, podemos refletir sobre as singularidades da experiência de cada um e também sobre o que é recorrente, permitindo, assim, situá-los de acordo com determinadas características. Uma primeira questão que chama a atenção é que, embora os jovens vivenciem realidades socioeconômicas similares, foi possível identificar diferentes experiências e percursos escolares e em suas tentativas de inserção no mercado de trabalho. Entre os jovens pesquisados, percebemos que cada um adotou um tipo de estratégia para o envolvimento no mundo do trabalho.

Uma característica que apresentou pouca interferência nas expectativas dos jovens com relação ao trabalho foi a idade, que no grupo pesquisado variou entre 18 e 25 anos. Mesmo considerando o intervalo de sete anos de diferença, foi possível dizer que o fator idade não apareceu como elemento modificador nas expectativas com relação às aspirações profissionais futuras. Por outro lado, quando nos deparamos com as oportunidades de trabalho no presente, podemos apontar uma grande diferença entre aqueles que estavam buscando a primeira inserção no mercado de trabalho, geralmente mais jovens, e aqueles que já haviam tido ou tinham alguma experiência de trabalho.

Por outro lado, embora possamos concluir que não houve uma relação mecânica entre a idade e a relação com o trabalho, podemos inferir algumas semelhanças. Essas semelhanças variaram de acordo com as experiências de cada um. Por exemplo, os jovens entre 18 e 20 anos viviam a pressão para se inserirem no mercado de trabalho, enquanto os jovens a partir de 21 anos que já estavam inseridos buscavam uma melhor colocação por meio do aprimoramento profissional.

Uma característica comum aos jovens pesquisados diz respeito à escolaridade dos pais. Com exceção do pai de Gilmar e da mãe de Fernanda (todos os nomes são fictícios), que chegaram a concluir o ensino fundamental e, em seguida, a formação técnica em química e magistério, respectivamente, o restante dos pais concluiu apenas as séries iniciais do ensino fundamental e a maioria trabalhava em ocupações menos valorizadas no mercado de trabalho. Ainda com relação aos pais, podemos dizer que, de maneira geral, eles apoiavam os filhos a estudarem e trabalharem, mas é importante salientar que a mobilização familiar para que realmente seus filhos viessem a estudar e trabalhar se apresentava de formas distintas. Foi o caso, por exemplo, de Gilmar e Grazielle, que encontraram na família um forte incentivo para continuarem estudando:

Eu acredito que seja o principal objetivo deles (os pais), a principal ideia deles é estudo mesmo... a vida inteira... estudo, estudo, estudo para você não virar pedreiro, ou virar isso, ou aquilo (Gilmar, 19 anos, Secretariado).

Meu pai queria que eu estudasse primeiro, né?... Eles (pais) acham bom e incentivam muito (Grazielle, 18 anos, Gestão da Informação).

Outra maneira de mobilização familiar se configurou no caso de Igor, que sempre foi incentivado pela família a trabalhar e estudar, mas relatou que a pressão dos pais sempre foi maior para que os filhos trabalhassem. Já Kelly apresentou uma forma de mobilização familiar muito mais ligada ao

incentivo verbal, no sentido da importância dos estudos, mas não necessariamente incentivos materiais e financeiros:

Eles gostam... meu pai não tem condições de me pagar uma faculdade, jamais! Assim (...) mas igual, eu pago o cursinho aqui, aí ele gosta e dão apoio, mas não é aquele apoio: “Nó! Eu pago seus estudos todos”. Apóia do jeito que dá (Kelly, 21 anos, Gestão da Informação).

Essas são as características mais gerais que mostram algumas singularidades e pontos em comum no grupo pesquisado. Outros aspectos podem ser pensados de maneira mais particular, unindo pequenos grupos que os identificam de acordo com suas características mais marcantes.

4.1 Experiências de Escolarização e Trabalho

Dentre os quatro blocos de perguntas do questionário aplicado aos jovens, um deles se referiu à educação e outro ao trabalho. Esses dois aspectos abrangeram o maior número de perguntas e formaram o principal foco de investigação para pensar sobre as expectativas e os diferentes sentidos que os jovens elaboravam em relação à escolarização e ao trabalho. Por meio dos relatos sobre as experiências vivenciadas durante a escolarização e sobre os primeiros contatos com o mercado de trabalho, os jovens indicaram pistas para compreender quais são os caminhos que eles vêm trilhando para alcançar aquilo que ainda é tido apenas como expectativa. Os depoimentos foram agregados de acordo com duas categorias: trajetórias regulares e irregulares.

4.1.1 Trajetórias “Regulares”

Graziele e Bruna apresentaram exemplos de trajetórias escolares do tipo regular. Elas seguiram todo o percurso da educação básica sem problemas. No entanto, ao final do ensino médio, ainda não sabiam muito bem que rumo seguir na busca por um lugar no mercado profissional. Sara também foi um exemplo de trajetória escolar regular, mas o que a destaca em relação às anteriores foi o desejo de inserção imediata no mercado de trabalho, independentemente das condições, como forma de retribuir os esforços familiares em sua escolarização. Em quase todas as suas falas, ela salientou a vontade de ajudar seus pais e, para tanto, ela demandava uma oportunidade de exercer qualquer atividade. No entanto, da mesma forma que as duas jovens anteriores, ela não pareceu ter certeza da direção a seguir.

Por sua vez, Kelly e Leidiane, embora tenham concluído a educação básica sem grandes problemas, apresentaram uma especificidade em suas trajetórias escolares. Ambas passaram pelo ensino fundamental de forma tranquila, porém, no ensino médio, a relação com a escola mudou. Elas passaram a ter dificuldades com os conteúdos e, em contrapartida, assumiram outra postura em relação aos estudos, deixando de assistir às aulas e enxergando a escola mais como um espaço de sociabilidade que educativo.

De todos os depoimentos, Gilmar se destacou com relação à sua experiência de escolarização, que pareceu ter influenciado positivamente em suas expectativas e planos para o futuro profissional. A sua trajetória escolar foi marcada por experiências positivas tanto no que diz respeito ao aprendizado dos conteúdos quanto no que se refere às relações intersubjetivas dentro da escola. Podemos dizer que essa vivência positiva nos anos escolares se desloca também para o âmbito profissional. O que foi mais marcante no seu depoimento são suas altas aspirações, que se apresentaram em forma de um projeto profissional vislumbrado como jornalista.

4.1.2 Trajetórias “Irregulares”

Em contraposição, podemos citar os exemplos de Igor, Juliana, Fernandinha e Wander como casos de trajetórias irregulares. Todos tiveram em comum o fato de terem sido reprovados em algum dos anos escolares de suas trajetórias.

É interessante observar que esse fato de alguma forma marcou suas vidas e, depois de terem concluído a educação básica, consideraram que a repetição de certa forma atuou positivamente em suas trajetórias. De alguma maneira, eles aprenderam a (re)significar tal experiência. Todos declararam que, após a retenção, despertaram para o que estava acontecendo e, dessa forma, puderam “recuperar” o que havia ficado para trás. Não se trata de concluir, com tal constatação, que há uma valorização de um sistema mais rígido de avaliação, caracterizado pela retenção dos alunos que não conseguem atingir determinado desempenho escolar. Sposito (2005) esclarece que, muitas vezes, os jovens reproduzem em suas falas os mecanismos contemporâneos de dominação e “consideram que são responsáveis pelas próprias dificuldades que apresentam no domínio das habilidades e competências a serem oferecidas pela unidade escolar” (p. 123).

Mesmo diante das dificuldades encontradas em seus percursos escolares, o sonho de prosseguir os estudos no ensino superior ou em cursos de formação profissional foi manifestado por todos os jovens, o que demarcava o sentido para frequentarem o curso.

4.2 Sentidos e Motivações quanto ao Trabalho

Como vimos anteriormente, segundo alguns autores, vários podem ser os significados atribuídos ao trabalho, dependendo da vivência de cada jovem, de suas percepções, dos seus contextos familiares, das suas experiências escolares e dos contextos socioeconômicos.

Da mesma forma, entre os jovens pesquisados, dois sentidos em relação ao trabalho nos chamaram a atenção. O primeiro deles foi o trabalho entendido como uma série de características, muito mais ligadas às *condições de trabalho* do que ao trabalho em si. Esse sentido apareceu no depoimento da maior parte deles – Kelly, Leidiane, Juliana, Wander, Bruna, Grazielle e Fernanda –, para os quais um bom trabalho seria aquele que reunisse o maior número de qualidades objetivas como: bom salário, menos horas de trabalho, boa estrutura física; e, também, qualidades subjetivas como: ambiente agradável, digno, honesto, estável. Nesse caso, os depoimentos tenderam a enfatizar aspectos que não dizem respeito a uma profissão especificamente, mas, sim, a uma série de características da ocupação.

O outro sentido elaborado dizia respeito às características intrínsecas à atividade realizada. Nesse caso, podemos citar os exemplos de Igor e Gilmar, que apontaram como sentido e motivação quanto ao trabalho a ênfase na *natureza do trabalho em si*, no exercício de uma profissão, de um ofício. Ambos enxergavam o trabalho como possibilidade de realização pessoal. Igor aspirava a se formar em alguma área em que pudesse praticar suas habilidades como desenhista e Gilmar pretendia ser jornalista, desenvolvendo assim sua disposição para escrever.

Ainda foi possível perceber outros dois significados atribuídos ao trabalho, como no caso de Sara, que o idealizava como *oportunidade*, ou seja, a ideia de trabalho como uma chance de ocupação, independente de qual seja. Esse tipo de representação acerca do trabalho que ressalta, sobretudo, a sua dimensão do “estar ocupada” parece ser comum entre aqueles jovens com menos recursos

econômicos, sociais ou culturais, ou entre jovens que estão a longo tempo à procura de uma primeira inserção no mundo do trabalho. Nesse caso, em que o campo de possibilidades é mais restrito, há uma propensão a assumir qualquer ocupação, até mesmo como uma estratégia de criar mais chances de trabalho e/ou estudar.

Enfim, outro sentido atribuído ao trabalho foi comum às mulheres que, em sua maioria, expressaram como principal sentido do trabalho a possibilidade de se ter *independência*. É claro que essa expressão está presente também na fala dos jovens, mas, seguramente, são mais enfatizadas nas falas das jovens.

Foi a época que eu comecei a ter briga com meus pais, então eu pedia um real pra eles e eles queria saber pra quê que era, mas às vezes eu não queria falar, foi a época que eu comecei a sentir vergonha... então, pra não ter que falar pra quê que era... então eu tomei a iniciativa de trabalhar, pra ser mais independente (Fernandinha, 19 anos, Secretariado).

Eu não tava aguentando mais... você não quer ficar em casa, você quer ter sua independência (Graziele, 18 anos, Gestão da Informação).

Corrochano (2004) reforça essa expressão do trabalho como instrumento que possibilita a independência pessoal, principalmente para a mulher, pois trabalhar significa a oportunidade de sair da esfera doméstica, relacionar-se socialmente, sentir-se mais independente com relação aos pais ou parceiros, conquistar a independência financeira e, conseqüentemente, maior autonomia em outras esferas da vida.

5 Considerações Finais

As questões levantadas durante a investigação nos alertam para a necessidade de considerar nas pesquisas os sentidos, as motivações e as disposições dos jovens estudantes com relação ao trabalho e à escolarização. A compreensão dessas dimensões, bem como das estratégias por eles utilizadas na busca pela concretização de seus projetos para o futuro, pode contribuir para nos aproximar um pouco mais do universo que cerca tais sujeitos, o que poderia trazer impactos positivos nas experiências no campo de articulação entre formação geral e profissional.

Pode-se perceber a importância de a escola valorizar as múltiplas dimensões da condição juvenil,

para além do meramente escolar e, sobretudo, procurar dialogar com os projetos de vida dos jovens, oferecendo apoio para a concretização de suas expectativas e sonhos. O curso pós-médio em si, independentemente dos seus limites e dificuldades, nos pareceu uma iniciativa importante, tendo em vista as dificuldades de inserção profissional dos jovens brasileiros. É nesse esforço e tentativa de criar oportunidades para/com os jovens que a escola pode encontrar uma das possibilidades para construção de novos sentidos para a escolarização na vida dos mesmos.

Por outro lado, a experiência do curso reflete o atual contexto de precariedade e improvisação das políticas públicas voltadas para a juventude, particularmente no que se refere à relação entre escola e formação profissional. Como destaca Fanfani (2000), em muitos casos, o crescimento quantitativo do acesso ao ensino não é acompanhado por um aumento proporcional em recursos públicos investidos no setor. Muitas vezes, “teve-se que fazer mais com menos”. A lógica da improvisação e a falta de condições adequadas é uma recorrência nas políticas de juventude, como argumentam alguns autores (Leão, 2008; Madeira, 2004).

A escola sozinha não pode ser responsabilizada pela solução dos problemas sociais que afligem seus alunos, particularmente no que tange às dificuldades de acesso ao trabalho em condições adequadas. Parece evidente a necessidade de desenvolver ações conjuntas entre os sujeitos que atuam na escola, no Estado e no mercado de trabalho, no sentido de possibilitar alternativas de escolarização, formação e inserção profissional para os jovens. Essa é uma demanda recorrente entre os jovens como atestam algumas pesquisas (Ibase, 2005). Só assim, por meio de políticas sociais adequadas e articuladas entre diferentes atores, poderemos responder aos dilemas enfrentados pela juventude contemporânea com relação à inserção e permanência no trabalho.

Os resultados desta pesquisa indicam, ainda, a necessidade de ampliação dos estudos que envolvem a relação juventude, escola e trabalho. Como defendido há algumas décadas por educadores e pesquisadores do campo de estudos sobre trabalho e educação, parece urgente a elaboração de políticas educacionais que garantam condições adequadas para uma melhor articulação entre escola e trabalho, para o que tais pesquisas podem contribuir. Por meio das histórias desses dez jovens e das questões suscitadas quanto ao valor atribuído à escola, os sentidos do trabalho e as motivações quanto à participação na experiência pesquisada, percebemos que o trabalho ainda se constitui como uma categoria central na vida deles.

Referências

CARRANO, Paulo. Juventude e participação no Brasil – interdições e possibilidades. *Democracia Viva – Especial juventude e política*, Rio de Janeiro, n. 30, p. 3-5, jan./mar. 2006.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens operários e operárias – experiência fabril e sentidos do trabalho. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 425-450, jul./dez. 2004.

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

FANFANI, Emilio. Culturas jovens e cultura escolar. In: SEMINÁRIO “ESCOLA JOVEM: UM NOVO OLHAR SOBRE O ENSINO MÉDIO. *Documentos...* Brasília/MEC, 2000.

HASENBALG, Carlos. A transição da escola ao mercado de trabalho. In: HASENBALG, C.; SILVA, N.V. (Org.). *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 147-172.

IBASE; INSTITUTO PÓLIS. *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: IBASE, 2005.

LEÃO, Geraldo M. P. Ações educativas para jovens pobres: um estudo sobre o Consórcio Social da Juventude de Belo Horizonte – MG. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E CIDADANIA. *Novas perspectivas da Sociologia da Educação, Anais...*, 2008, João Pessoa: Internacional Sociological Association; Universidade Federal da Paraíba, v. 1. p. 1-16, 19-22, fev. 2008.

MADEIRA, Felícia R. A improvisação na concepção de programas sociais. Muitas convicções, poucas constatações. O caso do primeiro emprego. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 78-94, jun. 2004.

PAIS, José Machado. *Ganchos tachos e biscates: jovens trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar, 2001.

PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus, retrato da diversidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109-140, nov. 2005.

POCHMANN, Marcio. *A inserção ocupacional e o emprego dos jovens*. Organização Cláudio Salvadori Dedecca. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, 1998.

SPOSITO, Marília P. (Coord.) *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento, n. 7)

SPOSITO, Marília P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (Org.). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, 2005. p. 87-127.

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, jul./dez. 2004.

Dados dos autores:

*Geraldo Leão

Pós-Doutor em Ciências Humanas – UFF – Doutor em Educação – USP – e Professor Adjunto – Faculdade de Educação/UFMG.

Endereço para contato:

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação – FAE/UFMG

Departamento de Administração Escolar

Av. Antônio Carlos, 6627

31.270-901 Belo Horizonte/MG – Brasil

Endereço eletrônico: gleao2001@yahoo.com.br

**Helen Cristina do Carmo

Graduada em Pedagogia e Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFMG.

Endereço eletrônico: helencdc@yahoo.com.br

Data de recebimento: 26 nov. 2009

Data de aprovação: 4 maio 2010